

JORNAL: *Jornal de Letras e Artes* LOCAL: *Quomakara*

DATA: *02/06/1965* AUTOR: *Nelson Di Maggio*

TÍTULO: *Pintores e Escultores Brasileiros*

ASSUNTO: *Expo Fund. Gulbenkian. Iram visto por Nelson Di Maggio.*

CRÍTICA DE ARTES PLÁSTICAS

PINTORES E ESCULTORES BRASILEIROS

Pintura e escultura de artistas brasileiros contemporâneos (Pavilhão de Exposições da Fundação Gulbenkian)

Todos os dias, menos aos domingos, das 15 às 19 horas

O panorama sucinto de pintores e escultores brasileiros contemporâneos que, sob o patrocínio da Embaixada do Brasil em Portugal, a Fundação Gulbenkian apresenta no seu Pavilhão de Exposições, é constituído pelas obras que foram seleccionadas pelo Brasil para o representarem no «Salon Comparaisons 1965»

de Paris, onde foi convidado de honra. No catálogo do certame Teixeira Leite escreve que esta selecção «representa realmente as diferentes tendências estilísticas em conflito no panorama da arte brasileira contemporânea». Não conheço a situação da arte do Brasil dos últimos três anos e não posso avaliar os alcances desta afirmação. No entanto, na última bienal de Veneza, estavam representados quatro artistas, que, se fossem incluídos nesta exposição teriam enriquecido a visão do conjunto: *Abraham Palatnik* e as suas experiências cromáticas, *Alfredo Volpi* e o seu geometrismo de raiz popular, *Almir Mavignier* e as suas pesquisas dentro do «industrial design» e a lúcida originalidade de *Franz Weisemann*.

No campo da pintura parece confirmar-se a tese de Ferreira Goullart sobre a crise da pintura brasileira no seu artigo «Porque parou a arte brasileira». De facto cabe anotar que não se pode falar — como na maioria dos países sul-americanos, excepto a Argentina — duma pintura brasileira, mas sim de pintores brasileiros. Ao contrário do que acontece na gravura, em que existe uma escola nacional e que tem influenciado outros países. Sem dúvida nenhuma que *Iberé Camargo* é uma grande personalidade e um dos pintores de maior garra que possui este país, capaz de animar sensualmente a matéria e dar-lhe uma dinâmica interior nada vulgar. Mas as suas três obras explicitam um período de transição no autor e todo o juízo resulta problemático. Caso diferente é o do *Franz Krajberg*, o artista polaco naturalizado no Brasil. A sua obra desfruta dum indubitável prestígio internacional, mas não acredito na sua proposta estética. Trabalha um material ingrato como o esferovite produzindo relevos e

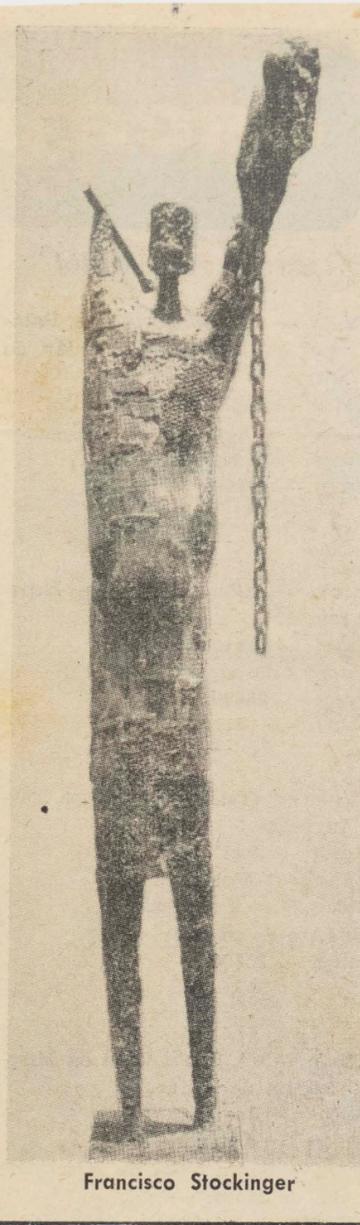
Por
NELSON DI MAGGIO

pintando-os logo a seguir. As ondulações da superfície não são veículos numa «tensão do relevo», como alguém as definiu, porque a expressão está comandada pela sugestão cromática e não pelo material empregado que aparece encoberto. E o interessante é a revelação de uma matéria insólita, o comportamento estrutural implícito na mesma. Também o carioca *Ivan Serpa*, depois de ter «fadigado» as correntes geométricas com sensibilidade e inteligência, envereda com brio pela nova figuração e por um gestualismo de compromisso. A obra «Cabeça II» mostra o generoso fôlego que anima a composição e a apurada harmonia de tons parentes. *Arcangelo Ianelli*, discípulo de *Waldeemar da Costa*, que ganhou o importante Prémio de Viagem ao Estrangeiro no salão de Arte Moderna, evidencia uma força criativa invulgar e muito pessoal dentro do informalismo. Uma austeridade formal parece caracterizá-lo e atinge os seus melhores momentos quando deixa que uma só cor — como o preto desenvolvendo-se em toda a superfície sobre um ténue fundo vermelho — oriente toda a expressão sem decair sequer por um momento. Dentro dos pintores apresentados é aquele que instaura um mundo próprio, com convicção e energia. *Raimundo de Oliveira* oferece a nota «naif», alegre e descontraída, feita de ritmos de figuras planas e estilizadas. *Teresa D'Amico* não chega a ultrapassar os desígnios de um folclore sem a necessária transposição plástica. Os restantes pintores naufragam na retórica (*Eméric Marcier*), na confusão plástica (*Lazslo Meitner*), no antigo espírito da natureza morta (*Carlos Schar*), ou no gestualismo inconsequente (*Benjamim Silva*).

Mas são os quatro esculto-

res que merecem uma cálida adesão e este certame vale pela sua presença. São poucos os escultores válidos no mundo e esta achega brasileira deve considerar-se como excepcional. O dramático caminho percorrido pela escultura contemporânea — derivado da sua natureza material — tem dado soluções contraditórias, mas sempre orientadas em função de uma apropriação do espaço e do dinamismo em detrimento do volume e estabilidade. *Francisco Stockinger*, um riograndense generoso e arisco, é o representante de uma concepção escultórica que liga a tradição figurativa e simbólica com o emprego de novos e combinados materiais. *Julio González*, *Giacometti* e *Reg Butler* estão presentes na base das suas pesquisas; no entanto o autor brasileiro assume uma originalidade indubitável na fusão feliz do ferro e da madeira, logrando exprimir uma irradiante energia materialista («Liberdade», «Guerreiro»).

(Continua na pág. 11)



Francisco Stockinger

Crítica de Artes Plásticas

(Continuação da pág. 6)

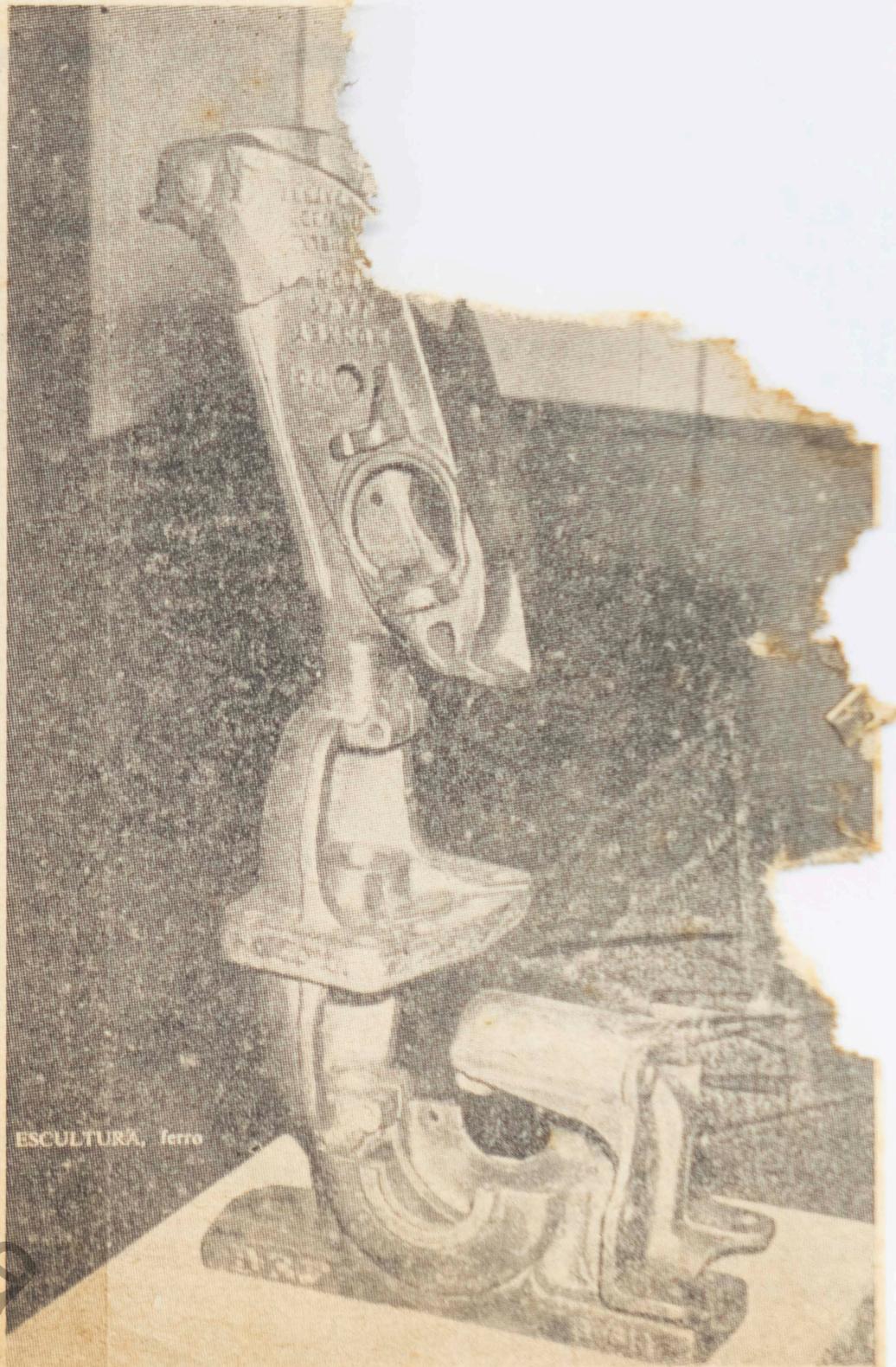
Quando trabalha o bronze («Alvorada») a graciosa estilização da forma, o rico tratamento e modelação da superfície conjugam um firme tom arcaico helênico.

Lygia Clark, uma das maiores escultoras cariocas juntamente com *Mary Vieira*, apresenta obras em alumínio. «O dentro é o fora» é uma banda contínua de fundamento ma-

temático, que toma posse do espaço e onde o vazio domina o cheio, ordenando uma estrutura extremamente rítmica, uma variante da famosa «Unidade tripartida» de *Max Bill*. As outras duas peças, transformáveis e unidas por dobradiças, constituem a verdadeira criação da escultura construtivista. A imaginação da autora está avaliada por uma espantosa qualidade técnica muito difícil de lograr.

Fernando Jackson Ribeiro, a última revelação da escultura brasileira, emprega peças de máquinas, que vai acumulando e montando habilmente, até conformar objetos de figuração antropomorfa de uma estranha e inquietante ressonância. Esses restos de máquinas animam-se pouco a pouco de uma angústia humana que chega a explodir num grito de desespero («Escultura III») de tocante mistério. Escultura sólida e materialista, instintiva e brutal, que ignora os requintes de um pensamento especulativo.

A seu lado, *Mauricio Salgueiro* parece menos criador. Mesmo assim, as suas peças — acumulações de pás, picaretas, ferros de engomar, fragmentos de ferro e puxadores — revelam uma notável sensibilidade plástica.



ESCULTURA, ferro

Jackson
Ribeiro